

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1975
7 e 9 de maio de 2024

ONE FLEW OVER THE CUCKOO'S NEST / 1975

(*Voando Sobre um Ninho de Cucos*)

um filme de **Milos Forman**

Realização: Milos Forman / **Argumento:** Bo Goldman, Lawrence Hauben, segundo o romance homónimo de Ken Kesey / **Fotografia:** Haskell Wexler/ **Direcção Artística:** Paul Sylbert/ **Montagem:** Sheldon Kahn, Lynzee Klingman/ **Música:** Jack Nietzsche/ **Intérpretes:** Jack Nicholson (Randle Patrick McMurphy), Louise Fletcher (Enfermeira Mildred Ratched), William Redfield (Harding), Michael Berryman (Ellis), Peter Brocco (Coronel Matterson), Dean R. Brooks (Dr. John Spivey), Alonzo Brown (Miller), Scatman Crothers (empregado Turtle), Mwako Cumbuka (Warren), Danny De Vito (Martini), Brad Dourif (Billy Bibbit), Will Sampson (Chief Bromden), William Duell (Jim Sefelt), Josip Elic (Bancini), Lan Fendors (enfermeira Itsu), Nathan George (Washington), Ken Kenny (Beans Garfield).

Produção: Michael Douglas, Saul Zaentz / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 130 minutos / **Estreia Mundial:** Novembro de 1975 / **Estreia em Portugal:** São Jorge, Quarteto, em 21 de Dezembro de 1976.

Publicado em 1962, o livro de Ken Kesey *One Flew Over the Cuckoo's Nest* transformou-se de imediato num "best-seller" e um livro de leitura obrigatória nos meios da contra-cultura, pelo seu conteúdo de denúncia das instituições e dos instrumentos do poder, em particular a psiquiatria oficial. A ficção de Kesey juntava-se, deste modo, às teorias da anti-psiquiatria desenvolvidas por autores como Cooper e Laing que agregavam à sua volta toda a contestação aos métodos clássicos de tratamento das chamadas "doenças mentais", sendo estas vistas, antes de mais, como o fruto de uma repressão social (e censura moral) sobre as pulsões emocionais do ser humano. O livro plasmava esse confronto em duas personagens, Randle Patrick McMurphy, o paciente, e a enfermeira Mildred Ratched.

O sucesso do livro atraiu logo a atenção do teatro e cinema. Em 1963 foi levada ao palco na Broadway uma adaptação feita por Dale Wasserman e com Kirk Douglas no papel de Randle. A peça foi um *flop* talvez devido à conjuntura política (duas semanas após a estreia dava-se o assassinato de Kennedy), mas Douglas ficou com os direitos de adaptação ao cinema. Em 1971 a nova encenação num teatro off-Broadway foi um sucesso (William Devane foi o intérprete da figura de Randle). Kirk Douglas, que projectara levar a peça ao cinema, e inclusive falara com Milos Forman (durante a visita, nos anos 60, de uma delegação de actores americanos à, então, Checoslováquia) para o dirigir, prometendo enviar-lhe o livro para ele o estudar (o livro nunca chegou às mãos de Forman, tendo sido, com todas probabilidades, apreendido pelas autoridades comunistas), acabou por desistir e passar os direitos ao seu filho, Michael (reservando, naturalmente, uma percentagem em lucros futuros).

Finalmente, em 1975, Michael Douglas produziria o antigo projecto do pai a partir de um argumento escrito por Bo Goldman, Lawrence Hauben e que acabaria por ser entregue ao

realizador previsto, Milos Forman, agora residindo e trabalhando nos Estados Unidos, onde se exilou após o malogro da "Primavera de Praga" de 1969. Forman, que se tornara um dos nomes mais importantes do "novo cinema" checoslovaco com filmes como **Lasky Jedne Plavovlasky/Os Amores de Uma Loira** e **Hori Ma Panenko/O Baile dos Bombeiros**, não fora muito feliz no seu primeiro filme no novo país, **Taking Off/Os Amores de Uma Adolescente**. Depois deste trabalho fizera apenas um segmento do filme colectivo sobre os Jogos Olímpicos de 1972, **Visions of Eight**, tinha agora a oportunidade de se reencontrar consigo próprio, na medida em que a história do livro se adaptava na perfeição ao seu universo, como declarou na entrevista a Larry Sturhan: "*Dos detalhes a toda a sua filosofia, o livro atraía-me tremendamente. Sempre gostei de histórias sobre indivíduos em conflito com o chamado poder estabelecido... É uma espécie de filme checo*".

Produção independente (teve um custo de 3 milhões de dólares antes da United Artists o comprar para distribuição) **One Flew Over the Cuckoo's Nest** relançou a carreira de Forman, transformou-se num sucesso de bilheteira e foi o campeão dos Óscares no seu ano. Neste caso o filme é particularmente significativo por ter conquistado todas as principais estatuetas, a de melhor filme, realizador, argumento e actores principais, facto que até então só acontecera uma vez, em 1934 com **It Happened One Night/Uma Noite Aconteceu**, de Frank Capra. O sucesso do filme deve-se a vários factores que não terão apenas a ver com o argumento. Se a categoria existisse, um Oscar deveria ter sido dado aos directores de casting, Mike Fenton e Jane Feinberg, pela forma como escolheram o elenco e encaixaram os actores nos seus papéis. Não apenas Jack Nicholson, que tem aqui uma das suas maiores criações, muito justamente premiada pela Academia, após as quatro nomeações que já tivera na sua ainda breve carreira, não caindo em excessos a que nos habituara, não apenas de Louise Fletcher (que nunca mais teve oportunidade semelhante na sua carreira) numa soberba demonstração de *underacting*, mas em todos os secundários com destaque especial para os internados, onde hoje reconhecemos caras bem conhecidas, especialmente Danny De Vito no papel de Martini, e Brad Douriff, numa notável estreia na figura de Billy Bibbit (papel que na encenação de 1963 fora interpretado por Gene Wilder). Destaque-se ainda que o médico director do hospício, o doutor Spivey, que entrevista McMurphy ao começo, é interpretado pelo próprio conselheiro técnico do filme, o psiquiatra Dean R. Brooks.

A adaptação de Goldman e Hauben é particularmente fiel. A mudança mais significativa acaba por corresponder ao próprio olhar de Forman sobre a matéria. A narrativa perde o carácter subjectivo do romance (narrado pela personagem do Chief Bromden, o índio que se evade no final) e torna-se um olhar objectivo, do exterior. Forman refere-se, na entrevista citada, ao significado desta mudança: "*Como espectador, e naturalmente como realizador, gosto de revelar o interior a partir da superfície*". Com isto, desaparece do filme a faceta "expressionista" e a descrição de delírios e efeitos dos "tratamentos" sobre os pacientes, mesmo os electro-choques. Ficamos apenas a ver os seus efeitos e nunca o que se passa dentro da cabeça dos pacientes. Esta atitude objectiva é particularmente sugestiva na cena em que se aplica a imaginação, no que poderia servir de exemplo do lema "imaginação ao poder": a do jogo de basebol "acompanhado" num ecrã de televisão desligada, no primeiro grande desafio de McMurphy à enfermeira Ratched.

Manuel Cintra Ferreira